

## A POSSIBILIDADE DE EMERGIR O AGIR COMUNICATIVO NUM GRUPO DE REFLEXÃO FORMADO POR ENFERMEIRAS<sup>a</sup>

Elena Müller KORNDÖRFER<sup>b</sup>  
Ida Haunss de Freitas XAVIER<sup>c</sup>

### RESUMO

Preocupamo-nos com o agir técnico-instrumental e estratégico na enfermagem. O sujeito se posiciona de maneira egocentrada e mantém os pontos de vista unilaterais. O agir se encontra no nível convencional de moralidade. Nos empenhamos em buscar na reflexão sobre os relatos das práticas das enfermeiras, qual racionalidade que orienta o seu agir. Analisamos os atos de fala na forma pragmático-formal habermasiana e evidenciamos no grupo de reflexão a predominância do agir técnico-instrumental e estratégico. A possibilidade do agir comunicativo aparece quando o centramento e a heteronomia são questionados surgindo, em decorrência, um ganho de autonomia.

**Descritores:** Enfermagem. Comunicação. Desenvolvimento moral. Autonomia pessoal.

### RESUMEN

*Nos preocupa la actuación técnica-instrumental y estratégica en la enfermería. El sujeto se coloca en una posición egocéntrica y mantiene sus puntos de vista unilateralmente. El desempeño se encuentra en el nivel convencional de moralidad. Nos esforzamos por buscar, a través de la reflexión sobre los relatos de las prácticas del personal de enfermería, qué razonamiento orienta su desempeño. Analizamos los actos del habla en forma pragmático-formal habermasiana y planteamos al grupo de reflexión, el predominio de un desempeño técnico-instrumental y estratégico. La posibilidad del desempeño comunicativo aparece, cuando el centro y la heteronimia se cuestionan y surge, como consecuencia, un aumento de la autonomía.*

**Descriptor:** Enfermería. Comunicación. Desarrollo moral. Autonomía personal.

**Título:** *La posibilidad de que el desempeño comunicativo ocurra en el grupo de reflexión formado por personal de enfermería.*

### ABSTRACT

*This article discusses technical-instrumental action and strategic action in Nursing. The individual is self-centered, and maintains unilateral points of view. Acting is at a conventional level of morality. By analyzing nurses' reports of their practice, we investigated which rationale guides their action. We analyzed their expressions in Habermasian pragmatic-formal way, and we observed in the group the predominance of technical-instrumental and strategic acting. The possibility of communicative acting appears when self-centeredness and heteronomy are challenged, and, as a consequence, autonomy is enhanced.*

**Descriptors:** Nursing. Communication. Moral development. Personal autonomy.

**Title:** *The possibility of the emergence of communicative action in a reflection group of nurses.*

<sup>a</sup> Trabalho originado da dissertação de Mestrado "O agir comunicativo na prática do cuidado de enfermagem: uma possibilidade para além da técnica", apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1999.

<sup>b</sup> Mestre em Enfermagem, Professora Assistente da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>c</sup> Doutora em Enfermagem, Professora Titular da Escola de Enfermagem da UFRGS. Orientadora da dissertação.

## 1 INTRODUÇÃO

Nossas experiências teórico-práticas vêm acompanhadas de um processo de desvelamento ideológico marcante. Deste processo de desvelamento ideológico fez parte a leitura do livro de Barbara Freitag, "Itinerários de Antígona: a questão da moralidade", no qual a autora traça um itinerário com a tragédia de Antígona fazendo incursões pela filosofia, sociologia e psicologia<sup>(1)</sup>.

Aumentaram as inquietações sobre que usos estamos fazendo do conhecimento acumulado até agora e a que interesses estão servindo. Como temos agido? Cuidando? Cuidando como? Quem? Com que finalidade? Apoiados em que saber e recebido de que fontes? As respostas que temos encontrado nos preocupam, porque elas apontam para um cuidado que privilegia as normas, as ordens, o estabelecido, tudo não discutido. Este tipo de cuidado denuncia o substrato positivista a ele fortemente ligado, seu caráter heterônomo, sem diálogo, que se entende pela via da relação sujeito e objeto.

Conseguimos situar nossas preocupações em relação à crítica ao tipo de cuidado que privilegia um agir conivente com o estabelecido e conservador na enfermagem, quando adotamos, dentre outras, a conceituação para as sociedades modernas e destacamos da teoria da ação comunicativa, a questão dos níveis de desenvolvimento moral, propostos por Lawrence Kohlberg<sup>(2)</sup>.

As sociedades modernas estariam constituídas do mundo do sistema e do mundo da vida e ambos se inter-relacionam. No mundo do sistema, estariam presentes as leis, as normas, a estrutura dada. É neste mundo que se dá a reprodução cultural com a função de manter o "*status quo*". Nele, encontramos o agir técnico-instrumental e estratégico, característicos da filosofia do sujeito e onde o poder e o dinheiro mediatizam as relações interpessoais<sup>(2)</sup>.

Já no mundo da vida se dão os processos de produção cultural, integração social e socialização<sup>(3)</sup>, em direção à autonomia. Neste mundo, estariam presentes interesses emancipatórios que privilegiam espaços para reflexões, para o diálogo, para conviver com o outro como sujeito. É nele que ocorrem os desvelamentos a respeito de que racionalidades ou interesses estão orientando as nossas ações. Se estamos de acordo com a

lógica do sistema que visa o poder e a dominação, agindo técnica ou estrategicamente e permanecendo na heteronomia, ou se estamos buscando autonomia questionando os fatos, as normas e as vivências nos seus aspectos de verdade, de justiça e veracidade, agindo comunicativamente.

Os aspectos para os quais serve o agir comunicativo são:

sob o aspecto funcional de entendimento, a ação comunicativa serve à tradição e à renovação do saber cultural; sob o aspecto de coordenação da ação, serve para a ação social e ao estabelecimento de solidariedade; sob o aspecto de socialização, finalmente, a ação comunicativa serve de desenvolvimento de identidades pessoais. As estruturas simbólicas do mundo da vida se reproduzem por via da prossecução do saber válido, do estabelecimento de solidariedades grupais e da formação de atores capazes de responder por seus atos<sup>(3:367)</sup>.

A prática comunicativa potencializa o agir de forma autônoma, porque busca a auto-reflexão e a reflexão conjunta, indispensáveis para questionar meios e fins de fatos, normas e vivências.

A autonomia se refere a ganhos no desenvolvimento moral. Habermas utiliza, em sua teoria da ação comunicativa, os níveis de desenvolvimento moral propostos por Lawrence Kohlberg. Eles ampliam nossa visão de como estamos agindo. Os níveis de moralidade são:

No nível pré-convencional, a criança é sensível às regras sociais, distingue o bem e o mal, o certo e o errado, mas interpreta essas caracterizações como conseqüências físicas ou hedonísticas da ação (punição, recompensa, troca de favores), [...]. No nível convencional, diferencia o estágio 3 (expectativas interpessoais, relações e conformidade interpessoal) e o estágio 4 (sistema social e consciência). Neste nível, é considerado valioso em si preservar as expectativas da família, do grupo ou da nação a que pertence o sujeito. Trata-se não de mera conformidade mas de lealdade para com as expectativas pessoais e a ordem social. [...]. No nível pós-convencional ou nível regulado por princípios, são distinguidos os estágios 5 (contrato social ou utilidade e direitos individuais) e 6 (princípios éticos

universais). Neste nível, há o esforço visível de definir valores e princípios morais que tenham validade independentemente da autoridade de grupos ou pessoas que os sustentem e independentemente da identificação do sujeito com essas pessoas ou grupos<sup>(1:203)</sup>.

Examinando os níveis de desenvolvimento moral, podemos situar no nível convencional as ações técnico-instrumentais e estratégicas, que se traduzem na forma de um agir heterônomo, que conquista espaços através do uso de regras de ação técnica ou do uso do poder da influência, com o fim de preservar, apoiar e justificar a ordem social estabelecida. Estaríamos frente a um indivíduo autônomo quando este demonstra o seu agir de acordo com o nível pós-convencional. Ele consegue agir comunicativamente haja vista que age interativamente, de forma descentrada, tematizando, sem coação, a verdade dos fatos, a veracidade das vivências e a justeza das normas.

Acreditamos no potencial que a adoção do paradigma da comunicação de Habermas possa ter para a enfermagem, na medida em que seja uma filosofia da ação e que possa contribuir para o alargamento da racionalidade técnica<sup>(2)</sup>.

A pergunta que queremos colocar neste contexto é: “Será possível a prática do cuidado de enfermagem para além do agir técnico-instrumental e estratégico?”

Organizamos um grupo com quatro enfermeiras as quais foram escolhidas intencionalmente e, por adesão, enfermeiras que trabalham na área hospitalar, docência e em posto de saúde, constituindo nosso grupo de reflexão.

Isso posto, relatamos aqui nossa reflexão sobre a prática de enfermagem evidenciando a racionalidade ou o interesse predominante no grupo; a possibilidade e a potencialidade do agir comunicativo na prática do cuidado de enfermagem e examinamos as possibilidades de promoção do desenvolvimento moral com vistas à autonomia.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Podemos constatar que a questão do agir na enfermagem, em última análise, situa-se nos níveis convencionais, nos quais predominam as ações técnico-instrumentais e estratégicas<sup>(4-9)</sup>. As-

sim, esta situação nos inquieta e nos estimula na busca de apoio em outras áreas do conhecimento humano que possam nos iluminar nas diversas situações em que estamos agindo.

Vemos na reflexão filosófica de Jürgen Habermas, especialmente nos estudos que fundamentam sua teoria da ação comunicativa, a possibilidade de ser colocada a questão da prática do cuidado de enfermagem para ser iluminada quanto a que fins está servindo, quanto à teoria subjacente a ela, dialogando, de maneira descentrada, com o conhecimento e com a prática.

A ética discursiva se encontra dentro da teoria da ação comunicativa de Habermas e pode ser usada como “um quadro referencial que permite pensar a questão da moralidade simultaneamente dos pontos de vista filosófico (*moral point of view*), sociológico e psicológico”<sup>(1:237)</sup>.

Isso porque tanto a teoria da ação comunicativa como a ética discursiva querem resgatar um conceito comunicativo, dialógico, de razão e não uma razão monológica. O ator é capaz de descentrar-se (assumindo múltiplas perspectivas), avaliando as possíveis conseqüências dos seus atos e colocando em jogo os valores, as normas e sanções vigentes na sua sociedade. Em suma, o ator é competente cognitiva, moral e linguisticamente.

Jürgen Habermas é um filósofo alemão e tem sido considerado um herdeiro intelectual da teoria crítica. “A teoria crítica é uma reflexão sobre a autonomia, com pleno conhecimento dos mecanismos sociais e psíquicos que bloqueiam a autodeterminação humana”<sup>(10:375)</sup>.

Propõe, então, uma mudança de paradigma:

o parâmetro de racionalidade e de crítica deixa de ser o sujeito cognoscente que se relaciona com os objetos a fim de conhecê-los e manipulá-los, passando a ser a relação intersubjetiva que os sujeitos entre si estabelecem a fim de se entenderem sobre algo<sup>(2:499)</sup>.

Está assim contemplado não somente o elemento cognitivo-instrumental, mas, também, o elemento estético-expressivo e o prático moral.

A teoria da ação comunicativa se propõe a “[...] investigar a razão inscrita na própria prática comunicativa cotidiana e reconstruir a partir da base de validez da fala um conceito não reduzido de razão”<sup>(2:506)</sup>.

Afirma que “racionalidade” tem muito pouca relação com a aquisição de conhecimento ou com o conhecimento, e sim, que a racionalidade tem a ver com a forma com que fazemos “uso” desse conhecimento, como sujeitos capazes de linguagem e ação<sup>(2)</sup>, e que

somente um conceito de ação comunicativa pressupõe a linguagem como um meio de entendimento sem mais abreviaturas, onde os falantes e ouvintes se referem, desde o horizonte preinterpretado que seu mundo da vida representa, simultaneamente a algo no mundo objetivo, no mundo social e no mundo subjetivo, para negociar definições da situação que podem ser compartilhadas com todos<sup>(2:137-8)</sup>.

A linguagem na ação estratégica e técnico-instrumental é usada como entendimento indireto daqueles que só tem como objetivo, a realização dos seus próprios fins. Induz o comportamento.

Pelo contrário, o modelo comunicativo de ação, que define as tradições de ciência social que partem do interacionalismo simbólico de Mead, do conceito de jogos de linguagem de Wittgenstein, da teoria dos atos de fala de Austin e da hermenêutica de Gadamer, tem em conta, todas as funções da linguagem<sup>(2:138)</sup>,

funções de estabelecer relações interpessoais, de expor ou pressupor estados de sucesso e para expressar vivências.

Ainda, “para a ação comunicativa somente podemos considerar, pois, determinantes, aqueles atos de fala aos quais o falante vincula pretensões de validade suscetíveis de crítica”<sup>(2:391)</sup>.

É no contexto pragmático que se considera as condições de validade, pois neste se juntam pretensões de validade a razões potenciais para o resgate de tais pretensões. As “pretensões de validade criticáveis, que apontam para o reconhecimento intersubjetivo, são os trilhos pelos quais uma ação de fala pode atingir o alvo ilocucionário do falante”<sup>(11:148)</sup>.

### 3 METODOLOGIA

A partir desta base teórica, optamos pela abordagem qualitativa, preservando desta manei-

ra, coerência entre nosso tema agir e o caminho teórico-prático percorrido.

O entendimento para grupo de reflexão é como sendo aquele “que tem como objetivo refletir, indagar, sobre o que está acontecendo com o grupo naquele momento ou naquela circunstância”<sup>(12:349)</sup>.

Nossos encontros aconteceram uma vez por semana durante duas horas e no turno da manhã. O grupo preferiu encontrar-se nas dependências da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

A sistemática para o grupo de reflexão, de um modo geral, obedeceu as etapas a seguir.

Inicialmente, relatamos nossas experiências profissionais, trazendo dilemas do nosso dia a dia. Seqüencialmente, procedemos à leitura da tragédia de Antígona. Utilizamos questões a seguir:

- como posso julgar a minha ação e a dos outros?
- quais os critérios segundo os quais faço esse julgamento?
- segundo que máximas, princípios ou valores deve orientar-se (minha ou) a ação (dos outros)?
- como posso ter certeza de que os princípios (ou valores) pelos quais oriento a minha ação ou julgo a ação dos outros sejam os princípios certos, justos e corretos?
- qual a relação entre a moralidade individual e a normatividade social?<sup>(1:11)</sup>.

Soma-se à sistemática traçada, a observância dos pressupostos de Habermas quais sejam: dar-se a entender, simetria da fala, verdade do fato, veracidade e retitude.

Utilizamos, como mostra o Quadro a seguir, características das racionalidades instrumental, estratégica e comunicativa, como categorias orientadoras na análise dos diálogos, ou atos de fala. O desvelar as racionalidades mostra as possibilidades de promoção do desenvolvimento moral, com vistas à autonomia. Para chegar ao nível da seleção e análise das falas, adotamos o procedimento metodológico construtivista, que recomenda tomar atitude performativa (realizativa) frente ao conhecimento, iniciando a análise na perspectiva de participante. Essa perspectiva conduz à crítica da práxis vigente com a intenção de reorganizá-la.

<b>Racionalidade Instrumental</b>	A racionalidade instrumental permite, mas não pressupõe, o questionamento dos meios, uma vez que o arrazoado já está dado. Privilegia um interesse técnico, cuja orientação se volta para o atendimento de meios e de fins já definidos, nem sempre claros ou desvelados.
<b>Racionalidade Estratégica</b>	Admite, entretanto e quase sempre, que os meios sejam questionados. Enfatiza o domínio racional sobre o outro; trata de uma ação social, embora dê pouco destaque às necessidades históricas concretas contextualizadas. Privilegia um interesse prático, no qual as ações se voltam para manter um nível razoável de controle e domínio, sem grandes conflitos.
<b>Racionalidade Comunicativa</b>	A racionalidade comunicativa busca o entendimento pela exploração dialógica do(s) conflito(s) questionando, sempre que julgar necessário, meios e fins. Privilegia um interesse crítico e emancipatório, no qual é buscado, através do diálogo, desvelar a ação (os meios e os fins).

**Quadro** - Características das racionalidades instrumental, estratégica e comunicativa.

Durante nossa reflexão quanto à interação nos encontros, destacamos momentos significativos que versaram sobre a colocação da proposta de reflexão para o grupo, sobre o nosso dizer do fazer da prática de enfermagem, sobre a tragédia da Antígona, sobre desmotivação e dispersão do grupo e sobre nosso futuro encontro.

No intuito de aclarar significados pertencentes aos momentos citados demos ênfase ao *status* realizativo (performativo) das falas, o qual Habermas considera como “peça nuclear”<sup>(3:333)</sup> na teoria dos atos de fala. Prometer, afirmar, advertir, quer dizer, fazer uma promessa, fazer uma afirmação, fazer uma advertência. Estou executando uma ação dizendo algo. Faço coisas dizendo algo, “O termo performativo é derivado do verbo inglês ‘to perform’, verbo correlato do substantivo ‘ação’, e indica que ao se emitir o proferimento está-se realizando uma ação, não sendo, conseqüentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo”<sup>(13:25)</sup>.

A tarefa de compreender os atos de fala de forma reconstrutiva observou, como pano de fundo, as regras teórico-metodológicas da pragmática formal<sup>(2)</sup>.

#### 4 ANÁLISE

Para visualizar e esclarecer as racionalidades, procedemos à análise dos diálogos na forma pragmático-formal que Habermas propõe, que faz valer uma compreensão descentrada do mundo, conseguindo entrelaçar o mundo objetivo com o mundo social e o mundo subjetivo, exigindo, simul-

taneamente, uma orientação pelas correspondentes pretensões de validade que são: a verdade proposicional; a retitude normativa; e a veracidade ou autenticidade<sup>(2)</sup>.

Os diálogos mostram como os sujeitos do grupo se movem e interpretam sua prática cotidiana, vinculados a valores determinados, muito possivelmente, em sua cultura, sociedade e personalidade. Assim, estes valores determinados permitem que sejam desveladas ações ou saberes até então não tematizados.

A respeito da pragmática formal podemos salientar as vantagens da tematização dos diferentes tipos de ação lingüisticamente mediadas. Os atos de fala constatativos são criticados sob o aspecto da verdade, as ações reguladas por normas criticadas sob o aspecto da retitude, as ações dramáticas criticadas sob o aspecto da veracidade do agente.

Então, para tentar desvelar os diferentes aspectos da racionalidade das ações, ele propõe que a

tarefa consista em ir desmontando de forma controlada as fortes idealizações à que se deve o conceito de ação comunicativa e, que os passos podem ser os seguintes: além dos modos fundamentais, buscam-se a diversidade de forças ilocucionárias que formam a rede de interações possíveis plasmadas e estandarizadas nas diversas culturas e nas diversas línguas; além das formas estandarizadas dos atos de fala, buscam-se outras formas de realização lingüística dos atos de fala; além dos atos de fala explícitos, buscam-se as emissões implícitas com-

pletadas extraverbalmente, onde a compreensão do ouvinte vai depender das condições contextuais não estandarizadas; além dos atos de fala diretos, buscam-se as emissões indiretas, ambíguas, cujo significado infere-se do contexto<sup>(2:421)</sup>.

Com esta proposta, configuram-se alguns princípios da pragmática formal, pressupondo que sejam examinadas as ações que vão além do contexto gramatical, bem como além das manifestações diretas.

## 5 DESTAQUE DE UMA FALA PARA ANÁLISE

Esta fala foi escolhida por constar do momento no qual a prática é trazida para o grupo, momento especial para verificar aquilo que diz respeito à prática diante da teoria, ou seja, uma olhando para outra. Este posicionamento esclarece qual teoria respalda nossas ações e amplia nossa capacidade de assumirmos vários pontos de vista. Esta fala se destaca para ser analisada e esclarece o leitor quanto a metodologia de análise de discurso. Sendo assim, ao nos colocarmos sobre nosso fazer dizendo algo da prática do cuidado de enfermagem, a enfermeira declara:

*Eu adoro ser Enfermeira e estar com o paciente. Eu dedico grande parte do meu tempo para o funcionário e o planejamento. A sobrecarga de atribuições me aflige. [...] o pessoal quer conhecer o enfermeiro e aí, a gente tem que aprender a se posicionar, a falar com os outros profissionais da parte administrativa, do faturamento, da recepção. Eu gosto muito da parte de planejamento. Eu gostaria de planejar melhor. A parte assistencial, ela entra em conflito com a parte que eu gostaria de ver as coisas melhores. Não adianta tu atender bem e não estar com teu objetivo de trabalho atingido. [...] eu reivindicava mais aquele trabalho rotineiro de uma unidade fechada. Agora em ambulatório eu senti necessidade de me definir melhor. Gosto mais de ficar com o funcionário. O que é que eu vou fazer? Só o que eu gosto ou o que é minha obrigação? Tem os momentos que o pessoal diz: as pacientes não estão sendo orientadas. O que é que está havendo. Então, é o trabalho que eu tenho que ver o funcionamento do todo e não posso*

*escapar daquilo que é o objetivo. Se eu atingir o meu objetivo fazendo o que eu gosto, eu tenho que fazer o que me pedem também* (Enfermeira 3).

Aparece o conflito entre atender o paciente e as questões de planejamento e funcionários. O ato de fala expressivo “*Eu adoro ser Enfermeira e estar com o paciente*” (Enfermeira 3) pode ser contestado quanto à sua veracidade, argumentando-se que o gostar e se dedicar ao planejamento e de estar com os funcionários, mais o fato da falta, por vezes, de orientação aos pacientes, parecem expressar, constatar e colocar em dúvida “*adorar ser Enfermeira e estar com o paciente*”.

Estão presentes referências ao mundo subjetivo com atos de fala: “*Eu adoro [...] eu gosto muito do planejamento [...] eu gostaria de planejar melhor*” (Enfermeira 3). Também referências ao mundo objetivo com atos de fala: “*as pacientes não estão sendo orientadas*” (Enfermeira 3) e referências ao mundo social: “[...] *eu tenho que fazer o que me pedem*” (Enfermeira 3).

Estas referências aos três mundos ocorrem de forma simultânea e delas emerge o agir predominante na prática do cuidado de enfermagem. São o agir técnico-instrumental e estratégico, vinculados à lógica do mundo do sistema que, em nome de conferir um falso poder à enfermeira, submete a mesma a uma sobrecarga de trabalho. “*A sobrecarga de atribuições me aflige...*” (Enfermeira 3).

Condiciona o agir do seguinte modo: “*Se eu atingir o meu objetivo fazendo o que eu gosto, eu tenho que fazer o que me pedem também*” (Enfermeira 3). Nestas condições ficam favorecidos os contextos de ação estratégica que ganha força na condicional “se”. A discussão dos fins da prática do cuidado estão bloqueados e determinados, evidenciando-se a busca pelo próprio êxito.

A moralidade da troca, do que é equivalente é a que se mostra como orientadora da ação. A reflexão sobre o que fazer se dá de forma egocentrada tanto pela Enfermeira 3 como pelas colegas que “cobram” dela orientação aos pacientes. O eu egocêntrico não consegue ouvir o outro, porque no diálogo sempre se refere a si mesmo.

Não há interação entre colegas para definição conjunta e discussão de normas de atendimento. Os fins da prática do cuidado de enfermagem carecem de um fundo normativo estabelecido cooperativamente, mostrado pela estrutura “se

então” que determina o agir. “*Se eu atingir o meu objetivo fazendo o que eu gosto, então eu tenho que fazer o que me pedem também*” (Enfermeira 3). As condições do agir ficam reguladas, não por condições de validade normativa e, sim, foram substituídas por condições de sanção. Este modo estratégico fere a possibilidade de emergir uma ação comunicativa voltada ao entendimento<sup>(11)</sup>.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho proporcionou refletir sobre as tomadas de posição na prática do cuidado de enfermagem e o desvelamento das posições assumidas. O esforço teórico feito se deu na direção de percorrer áreas do conhecimento nunca antes penetradas, aliado à coragem de propor e viver a prática no grupo de reflexão, como ela é.

Nos relatos da prática do cuidado de enfermagem e na prática vivenciada no grupo de reflexão, colocamos dilemas, conflitos dos quais emergiram tanto a dimensão interpessoal como intrapessoal. Ficaram evidenciadas as racionalidades, ou o agir técnico-instrumental e estratégico como orientadores da ação que resolve os conflitos. A possibilidade do agir comunicativo na prática do cuidado de enfermagem aconteceu, nos momentos em que o agir de forma heterônoma é pensado e questionado, surgindo, em decorrência, um ganho de autonomia.

Podemos dizer que no ato de pensar e questionar a heteronomia, está se manifestando o potencial do uso da racionalidade comunicativa, na promoção do desenvolvimento moral. Ao mesmo tempo, o potencial da racionalidade comunicativa, gerador de ganhos de autonomia, desvela para o grupo que o seu dizer do fazer da e na prática, se situa nos estágios convencionais de moralidade, legitimado pelo uso das racionalidades instrumental e estratégica.

A reflexão filosófica de Habermas propõe a adoção do paradigma da filosofia da linguagem, do entendimento intersubjetivo ou comunicação, porque nele, “o aspecto cognitivo-instrumental está inserido no conceito, mais amplo, de racionalidade comunicativa”<sup>(2:497)</sup>.

Nosso esforço teórico orientou decisões metodológicas para análise da prática vivenciada no grupo, à luz da pragmática universal de Habermas. Contemplamos a adoção do enfoque performati-

vo (realizativo) frente às próprias falas oportunizando o desvelamento dos déficits de racionalidade e grau de reducionismo por meio do qual é tratada a prática do cuidado de enfermagem.

Concluimos com a análise da prática do cuidado de enfermagem relatada e vivenciada no grupo, que houve o favorecimento de processos de aprendizagem social no sentido de um aprender com erros, e buscar dimensões prático-morais e expressivas da ação de enfermagem, para além da dimensão técnico-instrumental.

## REFERÊNCIAS

- 1 Freitag B. Itinerários de Antígona: a questão da moralidade. Campinas: Papirus; 1992.
- 2 Habermas J. Teoria de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus; 1988. v. 1.
- 3 Habermas J. Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos. Madrid: Cátedra; 1989.
- 4 Almeida MCP, Rocha JSY. O saber de enfermagem e sua dimensão prática. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 1989.
- 5 Germano RM. A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil. São Paulo: Cortez; 1993.
- 6 Cogo ALP. Ensino de auxiliares de enfermagem: racionalidades que orientam as ações em uma escola de qualificação profissional [dissertação de Mestrado em Educação]. Porto Alegre: Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 1994. 105 f.
- 7 Ribeiro LSLF. Cuidar, tratar e desenvolvimento sócio-moral em estudantes de enfermagem: um estudo exploratório. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa; 1994.
- 8 Ribeiro LSLF. Concepções de enfermagem e orientação moral em docentes de enfermagem: um estudo exploratório [dissertação de Mestrado]. Lisboa: Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende; 1995. 132 f.
- 9 Korndörfer EM. O agir comunicativo na prática do cuidado de enfermagem: uma possibilidade para além da técnica [dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1999. 111 f.

- 
- 10 Rouanet SP. Teoria crítica e psicanálise. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1989.
- 11 Habermas J. Pensamento pós-metafísico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1990.
- 12 Zimerman DE, Osório LC. Como trabalhar com grupos. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
- 13 Austin JL. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas; 1990.

---

**Endereço da autora/Author's address:**  
Elena Müller Korndörfer  
Rua São Manoel, 963  
90.620-110, Porto Alegre, RS  
E-mail: [elena.muller@ufrgs.br](mailto:elena.muller@ufrgs.br)

Recebido em: 09/09/2005  
Aprovado em: 08/07/2006

---